

PRESSUPOSTOS, DELINEAMENTO E PRIMEIROS RESULTADOS DE UMA PESQUISA SOBRE A PRESENÇA DA LITERATURA FRANCESA EM PERIÓDICOS CANADENSES

Basic conceptions, outline and first results of a research
on the presence of French literature in Canadian journals

Alvaro Santos Simões Junior
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis/CNPq/FAPESP)
simoes@femanet.com.br

RESUMO

O projeto de que trata este artigo destina-se a estudar o noticiário e a crítica de literatura francesa na imprensa do Canadá no período de 1884 a 1891, priorizando jornais e revistas de Montreal e Toronto, polos de edição e impressão daquele país norte-americano. Considerando o estágio de desenvolvimento da imprensa periódica canadense em seu terceiro período (1858-1900) e as dimensões globais de produção, circulação, venda e consumo de material impresso ao longo do século XIX, analisa-se como um processo de transferência cultural a apropriação crítica pela imprensa canadense anglófona e francófona de autores franceses como Zola e Verlaine, transformados em celebridades mundiais por despachos telegráficos, relatos de correspondentes e crítica literária sob forma de crônicas e resenhas. Consideram-se as peculiaridades histórico-culturais do Canadá em virtude de seu bilinguismo e das tensões e contradições entre o Quebec e as regiões anglófonas. A consulta de *Le Monde Illustré*, de Montreal, e *The Dominion Illustrated*, de Montreal/Toronto, revelou o grau diferenciado da importância atribuída por cada revista à literatura francesa. O periódico de língua inglesa interessou-se apenas eventualmente por autores e obras franceses, mas se constatou em *Le Monde Illustré* que tanto os autores clássicos quanto os contemporâneos da literatura francesa se tornaram fundamentais para a cultivo de uma identidade cultural *québécois* ancorada na língua de Racine.

PALAVRAS-CHAVE: literatura francesa; periódicos canadenses; crítica literária; crônica; correspondentes estrangeiros.

ABSTRACT

The project with which this article deals is designed to study the news and criticism of French literature in the Canadian Press from 1884 to 1891, giving priority to newspapers and magazines from Montreal and Toronto, which were publishing and printing centres of that North American country. Considering the stage of development of the Canadian periodical press in its third period (1858-1900) and the global dimensions of production, circulation, sale and consumption of printed material throughout the nineteenth century, the critical appropriation by the English-speaking and French-speaking Canadian press of French writers such as Zola and Verlaine is analyzed as a process of cultural transfer. Such writers were transformed into world celebrities by telegraphic dispatches, accounts of correspondents and literary criticism in the form of chronicles and reviews. Canada's historical and cultural peculiarities are considered due to its bilingualism and the tensions and contradictions between Quebec and English-speaking regions. The reading of *Le Monde Illustré*, from Montreal, and *The Dominion Illustrated*, from Montreal/Toronto, have shown how differently each review gave importance to the French literature. The periodical in English language have only occasional concerns about French works and authors, but it was observed that in *Le Monde Illustré* both classical and contemporary authors of the French literature became fundamental to cultivate a *québécois* cultural identity anchored in Racine's language.

KEYWORDS: French literature; Canadian press; literary criticism; chronicle; foreign correspondents.

Introdução

Neste artigo, expõem-se os pressupostos teóricos, a proposta metodológica e os primeiros modestos resultados de uma pesquisa apenas iniciada a respeito do noticiário e da crítica de literatura francesa na imprensa canadense de 1884 a 1891. Em virtude da morosidade da consulta a periódicos, restringiu-se o *corpus* da pesquisa aos dois polos de impressão e edição do Canadá já naquele período: Montreal e Toronto. Destas cidades, serão consultadas coleções de jornais diários e revistas literário-culturais, nas quais se identificarão despachos telegráficos e notícias a respeito de determinados autores franceses e resenhas de suas obras, além de artigos de correspondentes estabelecidos em Paris.

No período em que se concentra a pesquisa, uma imprensa periódica vigorosa e diversificada era fenômeno recente no Canadá em virtude de vicissitudes decorrentes do processo de colonização, do atraso no desenvolvimento econômico e das particularidades políticas daquele país norte-americano.

Segundo Wilfrid Eggleston, a maioria dos americanos alfabetizados tinha acesso a algum jornal noticioso já por volta de 1750. Nesse contexto favorável, a imprensa desempenhou um papel fundamental na resistência à dominação britânica, contribuindo para o processo de independência norte-americana (1776-1783). Nas áreas ao norte dos EUA, mantidas sob domínio britânico, o jornalismo se fez sob o influxo das tradições britânica e americana. Já a Nouvelle-France, que compreendia as possessões francesas na América do Norte, foi impedida de ter imprensa por ser controlada por sucessivos regimes autoritários até a Conquista (1760) pelas forças britânicas (cf. EGGLESTON, 1984, p. VI).

Iniciando-se na segunda metade do século XVIII, a imprensa foi lentamente espalhando-se pelo território do atual Canadá. A partir de 1858, com a fundação de jornal em Victoria (British Columbia), iniciou-se nova fase da imprensa canadense, caracterizada por jornais de periodicidade diária e revistas mais estáveis e duradouras. No início dessa fase, mais exatamente em 1867, o Canadá adquiriu autonomia política com o British North America Act, que estabeleceu o Domínio do Canadá. A partir de então, incrementou-se a centralização econômica, com a qual Montreal e Toronto tornaram-se os mencionados polos de impressão e edição (cf. DAVIES, 2008, p. 87) das províncias de Quebec e Ontário, respectivamente. Segundo dados do *Canadian Newspaper Directory*, de 1892, circulavam nos territórios do atual Canadá, 837 periódicos, dos quais 91 eram jornais diários e 17, hebdomadários (apud KESTERTON, 1984, p. 39).

O final do século XIX coincidiu com a consolidação de inúmeros avanços tecnológicos que vieram a transformar profundamente o jornalismo no Canadá. Merecem destaque a introdução das impressoras rotativas, capazes de imprimir dos dois lados da folha em grande velocidade, o emprego de papel mais barato, produzido a partir de fibras vegetais, matéria-prima abundante no Canadá, a adoção da zincografia e da fototipia para produzir ilustrações e o emprego do linotipo. Quanto às técnicas tipográficas, adotaram-se titulação mais vistosa, com fontes maiores abarcando duas ou mais colunas, e mais espaços em branco na composição, os quais, somados ao crescente emprego da fotografia, atenuaram a *monotonia cinza* (cf. KESTERTON, 1984, p. 49-50) que predominara até 1840 nas folhas noticiosas. Por volta de 1900, os jornais adquiriram nova feição editorial com numerosos classificados e elaborados anúncios publicitários e “com sua mistura de notícias locais, nacionais e internacionais, sua página editorial claramente delineada, sua abundante cobertura esportiva, reportagens e colunas, suas cartas de leitores comuns” (FETHERLING, 1990, p. 59, trad. nossa). Do ponto de vista do estilo, iniciou-se um crescente processo de simplificação e uniformização da linguagem a fim de atingir-se um público de heterogênea formação educacional e variada origem étnica. O jornal *World*, de Toronto, recomendava expressamente aos seus redatores “escrever com simplicidade infantil de um ponto de vista que fosse tanto impessoal quanto não-referencial” (FETHERLING, 1990, p. 75, trad. nossa). Como índice saliente da perda de individualidade estilística, os relatos jornalísticos passaram a ser assinados somente em circunstâncias excepcionais.

Imprensa globalizada e *nation making*

No Canadá, coincidiram o fortalecimento da imprensa periódica e o processo de *nation making*, para o que o jornal, particularmente, contribuiu de maneira decisiva. Compreendido como espécie de ficção por B. Anderson, o jornal constrói entre as notícias veiculadas um vínculo imaginário que proviria de duas fontes: 1ª) a mera coincidência cronológica; 2ª) a relação do jornal com o mercado. Como uma modalidade particular de livro, “primeira mercadoria industrial com produção em série ao estilo moderno”, o jornal é comercializado em “escala colossal, mas de popularidade efêmera”, e cria uma *cerimônia de massa*, que é “o consumo [...] quase totalmente simultâneo do jornal-como-ficção”. Embora essa cerimônia pertença ao universo da privacidade e seja vivida por cada indivíduo particular conforme sua capacidade de cognição, cada participante tem, paradoxalmente, “clara consciência de que [essa cerimônia] está sendo repetida simultaneamente por milhares (ou milhões) de pessoas cuja existência lhe é indubitável, mas cuja identidade lhe é totalmente desconhecida”. E todos os dias, ao longo de todo o ano, a cerimônia se renova. Para Anderson, não haveria “figura mais clara da comunidade imaginada secular, historicamente regulada pelo relógio”. Ao constatar, nos locais de convivência da comunidade, que outras pessoas têm consigo exemplares idênticos do seu jornal, o leitor “reassegura-se continuamente das raízes visíveis do mundo imaginado na vida cotidiana” (ANDERSON, 2008, p. 66-68).

Dessa forma, a imprensa de forma geral contribui para a constituição histórica da nação, entendida como “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Ao contrário dos integrantes de comunidades primitivas, os membros de uma nação moderna, por menor que seja, “jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros”, embora esteja presente em todos “a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32).

Deve-se ressaltar que a língua comum desempenhou historicamente um papel importante para a constituição desse sentimento de comunhão. O Canadá, como comunidade imaginada, relativizou esse papel do vernáculo como fator de coesão nacional, pois se constituiu a partir de duas línguas cultas mundialmente importantes, a inglesa e a francesa, sobrepôs-se às chamadas First Nations, falantes de línguas autóctones, e precisou afirmar sua identidade nacional contra um poderoso vizinho também anglófono, os EUA. As peculiaridades da construção histórica do Canadá evidenciaram o “caráter poroso das fronteiras entre os níveis de experiência internacional, nacional, regional e local” (ALLAN, 2013, p. 15, trad. nossa). Nesse contexto, a imprensa canadense sempre viveu de forma mais ou menos intensa o conflito entre a afirmação de uma identidade regional anglófona ou francófona, conforme o caso, e as aspirações maiores de viabilização de uma nação coesa e autônoma.

É fundamental considerar também que o processo de afirmação *nacional* do Canadá transcorria em circunstâncias históricas peculiares. Como demonstraram pesquisas recentes¹, a produção, circulação, venda e consumo de material impresso adquiriu dimensões globais ao longo do século XIX. Fronteiras nacionais não mais representavam “empecilho para o trânsito de livros, revistas, espetáculos e impressos em geral” (ABREU; MOLLIER, 2016, p. 11). Em franco desafio a ideias arraigadas de imitação e atraso cultural, amparadas em uma suposta centralidade das nações mais importantes da Europa, diante das quais se curvavam as periféricas, tais pesquisas se voltaram antes, considerando especificamente o contexto brasileiro, para “o movimento *entre* Europa e Brasil e não o fluxo de ideias e mercadorias *da* Europa *para* o Brasil” (ABREU; MOLLIER, 2016, p. 13, grifos dos autores).

¹ Cabe destacar, nesse âmbito, o projeto de cooperação internacional intitulado “A circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX”, que, com financiamento da FAPESP, foi coordenado por Márcia Abreu com a colaboração de Jean-Yves Mollier. Seria impossível, no espaço restrito deste projeto, avaliar todos os resultados (ensaios, livros, teses etc.) e desdobramentos dessa investigação.

Difusão e prestígio mundiais da literatura francesa

Internamente vigoroso, em decorrência dos avanços da instrução pública e do desenvolvimento econômico em França, o mercado livreiro francês também espalhava sua produção livresca pelo mundo. De forma semelhante, periódicos franceses como a *Revue des Deux Mondes* e o *Mercur de France* chegavam a todos os cantos do planeta, especialmente na década de 1880, quando se completou a passagem da era artesanal para a industrial, o que redundou em uma verdadeira “explosão de títulos e tiragens” (DESORTE, 1999, p. 43, trad. nossa). Assim, a imprensa de todo o mundo se ocupava tão frequentemente com os autores franceses mais populares, em especial os romancistas, que os transformava, juntamente com suas personagens, em “parte de um conhecimento comum que prescindia até mesmo da leitura dos romances, uma vez que eles passaram a valer por traços de caráter ou por situações que serviam como referências para pensar, explicar e comentar circunstâncias diversas” (ABREU, 2016, p. 23). O prestígio alcançado por determinados escritores, cujas obras eram adaptadas para o teatro e que se transformavam, eles próprios, em “personagens” do noticiário jornalístico e de peças publicitárias, demonstrava que, já no século XIX, “a literatura era muito mais do que um conjunto de textos” (ABREU, 2016, p. 25). Na pesquisa de que trata este artigo, o interesse recai sobre determinados autores franceses de projeção internacional no período de 1884 a 1891.

Pelos cabos telegráficos e também pelas malas postais, chegavam a periódicos de todos os lugares do mundo notícias a respeito dos principais escritores franceses. A respeito de Zola, por exemplo, informava-se com frequência sobre suas pesquisas de campo, o progresso da escrita dos romances, vendas e traduções para outras línguas, suas opiniões políticas e literárias etc. No Rio de Janeiro, julgava-se importante trazer a público suas opiniões negativas sobre os simbolistas franceses (cf. ZOLA, 1891, p. 1), mas Cruz e Sousa, um simbolista local, defendia a candidatura do Mestre à Academia Francesa de Letras (cf. SOUSA, 1891, p. 1).

Verlaine, talentoso poeta *maldito* de vida folhetinesca, era personagem frequente dos jornais. Nas folhas de Portugal, mencionava-se de sua pobreza (cf. PAUL, 1891, p. 1), das iniciativas de amigos para angariar fundos para a sua sobrevivência (cf. PIMENTEL, 1891, p. 1), das conferências que proferia (cf. VERLAINE, 1892, p. 2), de suas frequentes internações hospitalares (cf. PAULO, 1892, p. 2) etc. Para o Brasil, mandavam notícias sobre o poeta francês correspondentes estrangeiros, estabelecidos em Paris, como Jaime de Séguier e Xavier de Carvalho. Este último anunciou, em 1891, a publicação de *Mes hôpitaux* e disse que Verlaine habitava um hotel decadente, “sem família, sempre doente, padecendo de um velho reumatismo” (CARVALHO, 1891, p. 2). Em 1893, Séguier informou também que o poeta padecia de uma erisipela na perna esquerda (cf. EGO, 1893, p. 2) e descreveu o aspecto com que se apresentava no café Sol de Ouro (sic) (cf. EGO, 1893b, p. 1).

Pode-se supor que o mesmo processo de transformação de escritores franceses em celebridades ocorria no Canadá assim como em outras partes do mundo. Isso decorria da importância cultural da França, haja vista que “lá estavam as principais instâncias de consagração literária, de lá saíam livros destinados à formação escolar adotados em diferentes pontos do planeta, lá atuavam grupos editoriais e tipografias capazes de colocar em circulação mundial livros nas mais variadas línguas” (ABREU, 2016, p. 32-33), como faziam os irmãos Garnier atuando dentro e fora do Hexágono (cf. MOLLIER, 2018; GRANJA, 2018). Acrescente-se a grande difusão mundial da imprensa francesa, “sinônimo de elegância, fantasia, ironia, divertimento”, cuja sedução se apoiava “sobre o impacto internacional da literatura francesa” (THÉRENTY; VAILLANT, 2010, p. 11, trad. nossa). No contexto da concorrência entre as nações, a “constituição de um panteão literário nacional e a hagiografia dos grandes escritores (concebidos como ‘bens’ nacionais), símbolos de uma ‘irradiação’ e de um poder intelectuais, torna[va]-m-se necessários à afirmação do poderio nacional” (CASANOVA, 2002, p. 136).

Particularidades linguísticas e culturais do Canadá

A pesquisa de que trata este artigo baseia-se em fontes primárias encontradas em jornais diários e revistas literário-culturais e dedica-se a analisar as diferenças de tratamento que as celebridades literárias de França receberam das imprensas francófona e anglófona do Canadá. Neste caso, pode-se supor não ter havido tanta receptividade à literatura francesa por esta estar identificada com o Quebec, mas não se pode: 1) menosprezar o fato de que a afirmação nacional canadense se fez em reação à dominação britânica, 2) deixar de levar em consideração a já mencionada proeminência cultural francesa² e 3) o sucesso da imprensa francesa na “mediatização da vida artística, do teatro, da literatura, da moda, da febre parisiense” (THÉRENTY; VAILLANT, 2010, p. 11, trad. nossa).

É razoável imaginar-se que a imprensa francófona canadense estivesse sempre atenta ao movimento editorial e à vida literária franceses em virtude a importância que adquiriram os vínculos com a “antiga Pátria” para a identidade regional³.

No estudo das fontes primárias, tem-se a pretensão de deixar para trás velhas concepções a respeito da influência unidirecional de uma cultura sobre outra ou da centralidade de uma cultura em relação a outras dela dependentes⁴. A apropriação crítica de autores e obras estrangeiros pela imprensa pode ser considerada um mecanismo de transferência cultural⁵ com consequências decisivas sobre outras modalidades como a tradução e a venda de obras, a constituição de uma reputação literária e até mesmo do modo de ler a obra de um determinado autor estrangeiro. Tal apropriação crítica, no contexto do bilinguismo canadense, contribuiria para a construção de uma identidade cultural local pela via da diferenciação entre uma cultura e outra tanto na dimensão inter-regional quanto na internacional. Deve-se examinar também a possibilidade de se ter estabelecido uma configuração cultural triangular, pois a imprensa anglófona pode ter ficado “a reboque” da refração da cultura

² Sobre um país novo como o Canadá, a literatura francesa deveria exercer um poderoso fascínio em virtude de sua própria antiguidade: “Quanto mais antiga a literatura, mais importante o patrimônio nacional, mais numerosos os textos canônicos que constituem, sob a forma de ‘clássicos nacionais’, o panteão escolar e nacional. A antiguidade é um elemento determinante do capital literário: testemunha a ‘riqueza’ – no sentido do número de textos, – mas também e principalmente a ‘nobreza’ de uma literatura nacional, a sua anterioridade suposta ou confirmada com relação a outras tradições nacionais e, consequentemente, o número de textos declarados ‘clássicos’ (ou seja, que escapam à rivalidade temporal) ou ‘universais’ (isto é, livres de qualquer particularismo)” (CASANOVA, 2002, p. 29).

³ Analisando o período de 1840 a 1860, quando se publicaram cerca de 120 periódicos em língua francesa, Marie-Frédérique Desbiens constatou que esses jornais e revistas estiveram atentos aos escritores franceses então em maior evidência. Tal fato permitiria “relativizar a ideia longamente apregoada pela crítica de um atraso considerável na difusão de obras europeias” no Canadá (DESBIENS, 2010, p. 329, trad. nossa).

⁴ Combate-se atualmente a ideia de uma exportação ou transplantação de uma cultura para outra, pois não se deve conceber as relações entre a Europa e suas antigas colônias “em termos de simples imposição de modelos, mas antes de hibridização e apropriação (THÉRENTY; VAILLANT, 2010, p. 9, trad. nossa). De acordo com o conceito de transferência cultural, “é a conjuntura do contexto de acolhida que define largamente o que pode ser importado ou ainda o que, já presente em uma memória nacional latente, deve ser reativado para servir nos debates em curso” (ESPAGNE, 1999, p. 23, trad. nossa).

⁵ Para Michel Espagne, a comunicação seria o modelo mais simples para a análise da passagem de uma cultura para outra. Segundo essa concepção, uma “entidade cultural” transmite uma mensagem a um receptor que a decodifica. Porém, a mensagem transmitida “deve ser traduzida do código de referências do sistema de emissão para o do sistema de recepção”; com isso, transforma-se “profundamente o objeto passado de um sistema a outro”. Não se trata de distorção ou mutilação da mensagem, como elucida Espagne, mas de sua apropriação social: “Se a interpretação de uma obra ou de uma prática importada pelo contexto de acolhida é de uma dignidade equivalente em comparação àquela do contexto de partida, a transferência cultural não representa um problema de ordem hermenêutica. Trata-se, em parte, de interpretar um objeto estrangeiro, de integrá-lo a um novo sistema de referências que muitas vezes são para iniciar novas referências linguísticas, de traduzir. Embora pudesse parecer mutilante esta interpretação ao historiador que viesse a se perder em uma comparação termo a termo com o original, isto é, na constituição hipotética da mensagem em seu lugar de emissão, ela é perfeitamente legítima. Ela permite um posicionamento do indivíduo intérprete em face de um horizonte temporal específico, mas, para além do indivíduo, é o grupo no qual ele se insere (universidade, escola de pensamento, revista, categoria social) que se posiciona graças à interpretação” (ESPAGNE, 1999, p. 20, trad. nossa).

francesa pela imprensa do Quebec. Em qualquer hipótese, jornalistas e colaboradores eventuais da imprensa canadense são compreendidos como *passeurs culturels*, isto é, agentes e motores das transferências culturais em foco, as quais implicam necessariamente “misturas, cruzamentos, mestiçagens, hibridizações, sincretismos” (COOPER-RICHET, 2005, p. 15).

Primeiros resultados

Encontram-se alguns periódicos canadenses do século XIX disponíveis na internet. Na atual fase da pesquisa, foi possível consultar parcialmente dois hebdomadários ilustrados, a saber: *Le Monde Illustré*, de Montreal, e *The Dominion Illustrated*, de Montreal e Toronto.

As edições de *Le Monde Illustré* continham oito páginas até 1890, quando foram ampliadas para 16 páginas. A capa sempre vinha ilustrada por um desenho ou fotografia. Nas páginas internas, encontravam-se também ilustrações diversificadas. Alguns títulos de seções vinham estampados em clichês ornamentais. Com três colunas por página, *Le Monde Illustré* publicava crônicas, narrativas seriadas (folhetins), poemas, anedotas e charadas.

The Dominion Illustrated publicava-se em edições de 16 páginas até 1891, quando passou a 24. Sempre com três colunas de texto, transformou-se a partir de 1892 em periódico mensal com edições de 64 páginas, ilustradas com desenhos, caricaturas e fotografias em abundância. De modo geral, a capa era completamente tomada por uma fotografia. *The Dominion Illustrated* publicava seções noticiosas, humorísticas e esportivas, coluna feminina, narrativas seriadas, resenha da imprensa e reportagens especiais. A literatura, quase exclusivamente de língua inglesa, era contemplada nas seções “Red and blue pencil”, “Literary and personal notes” e “Literature and art – Toronto”.

O periódico em língua inglesa interessou-se principalmente por bastidores da vida literária francesa, narrando anedotas, tratando do movimento das livrarias, adaptações de romances para o teatro e traduções recentes de obras francesas. Pierre Loti atraiu a atenção da revista em virtude de traduções dos romances *Rurahu* e *Romance of a Spahi*. O exotismo do ficcionista francês era certamente um atrativo para leitores de todo o mundo. Douglas Sladen, correspondente novaiorquino, informou a publicação de tradução de *Germinie Lacerteux*, de Edmond e Jules Goncourt. Para o jornalista, era um livro “poderosamente realista” e “sem dúvida inteligente”, muito embora não o apreciasse. Zolaesco *avant la lettre*, o romance revelava-se, na opinião do jornalista, “desagradável” por detalhar minuciosamente a degradação sofrida por Germinie, maltratada e explorada por seu amante (SLADEN, 1891, p. 278, trad. nossa).

Grant Richards, correspondente londrino, abordou a adaptação para o palco do romance *Le comte de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas. Após mencionar o fracasso de duas adaptações anteriores, de 1848 e 1868, disse que o espetáculo programado para o Avenue Theatre estava cercado de grande expectativa em virtude do sucesso anteriormente alcançado nos Estados Unidos. Para o cronista, a apresentação em Londres acabara por ser frustrante pelo caráter acanhado do palco e pela má qualidade da adaptação: “É um mero esqueleto da história, sem carne que cubra os ossos, e reduzida ao limite mínimo para permitir a sua encenação em três horas e meia” (RICHARDS, 1891, p. 255, tradução nossa).

O nome de Zola figurou nas páginas da revista pelo seu sucesso de livraria. Breve nota informava que cada romance do autor publicado sob forma de folhetim lhe rendia mil libras esterlinas e que seu editor já teria vendido mais de um milhão de exemplares dos livros do romancista (cf. PERSONAL, 1891, p. 104). Do *Boston Post*, reproduz-se em nota de cinco linhas a queixa de Zola a respeito da má qualidade de suas traduções para a língua inglesa (cf. ZOLA, 1891, p. 107).

The Dominion Illustrated ocupou-se ocasionalmente da literatura francesa e dedicou-lhe apenas breves notas informativas. Outro interesse manifestou *Le Monde Illustré*, que tanto acompanhou a literatura francesa contemporânea quanto tratou dos consumados mestres do passado.

A revista noticiou os falecimentos de Théodore de Banville, Alexandre Chatrian e Alphonse Karr. Os necrológios contemplaram as realizações literárias de cada autor. De Karr, como homenagem póstuma, publicou-se na capa uma *portrait-charge*.

As eleições para a Academia Francesa de Letras também se tornaram notícia em *Le Monde Illustré*. O poeta Louis Fréchette informou na revista ser provável a eleição de Jules Claretie em 1888, o que acabou por confirmar-se. Em 1891, Léon Ledieu disse que Pierre Loti estava a serviço da marinha no Mediterrâneo quando, em sua eleição, derrotou Zola, entre outros. Em 27 de junho de 1891, Loti foi homenageado com *portrait-charge* na capa e, em breve nota, Henry Fouquier informou que o romancista conquistara sua cadeira com apenas 41 anos e que, em suas obras, o notório exotismo era acompanhado de sofisticadas análises psicológicas. Porém, o talento peculiar do romancista seria “um pouco especial e limitado”. Ademais, em suas obras, Loti não revelava possuir “ideias gerais, conhecimentos extensos” (FOUQUIER, 1891, p. 131, trad. nossa).

Lançamentos de livros de autores franceses também foram noticiados pela revista canadense. Em 1888, informou-se a reunião em dois volumes de *Tout la lyre*, de Victor Hugo. De edições canadenses, registrou-se a publicação em 1890 da peça *Le pater*, de François Coppée. Grande destaque recebeu o lançamento de *Jésus-Christ*, do dominicano Didon, cuja *portrait-charge* ornamentou a capa da revista em 29 de novembro de 1890.

Jean Richépin foi também homenageado com *portrait-charge* na capa, mas em virtude da encenação na Comédie Française de sua peça *Flibustier*. Zola, por sua vez, seria alvo de sátira publicada em duas partes (13 e 20 abr. 1889) a propósito das pesquisas de campo que desenvolvia na rede ferroviária francesa na preparação do romance *La bête humaine* (1890).

O cronista Léon Ledieu, principal responsável pela seção “Entre-nous”, ocasionalmente narrou anedotas envolvendo escritores franceses como Alexandre Dumas (pai) e Jules Claretie e citou fragmentos de obras francesas. Transcreveram-se trecho de *Le lépreux de la cité d’Aoste*, de Xavier de Maistre, e poemas de Edmond Rostand, Alphonse Daudet e François Coppée.

A seção “Les écrivains de toutes les littératures” publicou alguns textos anônimos e outros assinados por Charles Simond. Além dos textos já citados a respeito de Alphonse Karr, padre Didon e Alexandre Chatrian, publicaram-se breves perfis do conde de Fallaux (Alfred Frédéric Pierre), Montesquieu, Georges Pradel (autor de folhetim então em curso na revista), Paul Lacroix e Paul Bourget. A respeito deste romancista contemporâneo, Simond informou que, sendo filho de professor universitário, recebera educação refinada, mas acabou por tornar-se autodidata. Fizera também muitas viagens pelo mundo, mas em lugar de seduzir-se pelo exotismo, como Pierre Loti, mostrou inclinação pela autoanálise e a introspecção. Alcançara projeção mundial com os *Essais de psychologie contemporaine* e consolidara sua carreira literária com os romances *Cruelle énigme*, *Crime d’amour*, *Mensonges* e *Le disciple* (cf. SIMOND, 1891, p. 165).

Le Monde Illustré publicou também série de artigos sobre a história da literatura francesa, considerada século a século. Pelos séculos XIV e XV ficou responsável Paul Durand, ao passo que o século XVI foi confiado a Pierre Bédard.

Concentrar séculos inteiros de uma literatura importante como a francesa em artigos de revista já não seria fácil. Durand, no entanto, encontrou espaço para dizer que as origens dessa literatura nacional se localizavam do século XII ao XIV com os *troubadours* na Provença e os *trouvères* no norte da França. As primeiras manifestações importantes da prosa teriam ocorrido no século XIII com o historiador Geoffroi de Villehardouin e o cronista Jean Froissart, os quais foram sucedidos pelo cronista Jean de Joinville, autor da *Histoire de Saint-Louis*. De Froissart, “o pintor por excelência do século XIV”, Durand disse que percorreu o continente europeu recolhendo relatos verdadeiros e fantasiosos, os quais combinava de maneira desordenada, mas sempre com uma “verve inesgotável”. Christine de Pisan, que viveu na corte de Carlo V, produziu poesia religiosa e moralizante como nos *Dicts moraux à son fils* e obras em prosa como *Histoire de Charles VII*. Segundo Durand, Joinville, Froissart e Pisan contribuíram para que a língua francesa crescesse “em harmonia e graça” no século XIV (DURAND, 1889, p. 262, trad. nossa).

Ao tratar do século XV, Durand enfatizou que nele surgiu a imprensa e se descobriu a América. Em França, a *langue d'oil* chegava à perfeição graças a seus escritores, enquanto a *langue d'oc* degradava-se a dialeto inculto. Em um século de poetas, Olivier Maillard teria atingido proeminência com seus sermões. Mas mais importante, porém, teria sido François Villon, poeta de “um estilo natural, vivo e mesmo profundo” (DURAND, 1889, p. 142, trad. nossa), tornado célebre por sua vida errante e aventureira. Na segunda parte do artigo, Durand deteve-se em Charles d'Orléans, poeta de grande delicadeza e graciosidade cheia de finura, Philippe de Commynes, autor de memórias em que aborda de sua experiência de cortesão e diplomata, e do poeta e historiador Alain Chartier, autor, entre outras obras, de *Histoire de Charles VII* e *Le débat des deux fortunés d'amour*.

Pierre Bédard, convidado a tratar do século XVI, considerou-o época brilhante e incomparável. Escritores como Montaigne, Jacques Amyot, Clément Marot e Ronsard trabalharam com apoio do mecenato real. Caso à parte foi o do franciscano Rabelais, desprezado pela corte. Embora reconhecesse a genialidade do criador de Gargantua, Bédard ponderou que “a perversidade de seus costumes, a impiedade de suas máximas e a negação absoluta de seus deveres de padre e de cidadão fizeram dele um autor excessivamente perigoso” (BÉDARD, 1890, p. 163, trad. nossa). Montaigne recebeu melhor avaliação, pois seria um pintor com sua pena e nada haveria na antiguidade ou na era moderna que se comparasse aos *Essais*. Com Marot, Ronsard e Malherbe a língua francesa teria adquirido “essa perfeição, essa harmonia, essa pureza, essa concisão que no século seguinte a fará ser proclamada a mais bela língua de todo o mundo” (BÉDARD, 1890b, p. 179, trad. nossa). Correto, elegante e harmonioso em seu estilo e nobre em seus pensamentos, Malherbe teria transformado a língua francesa com seu trabalho:

Percebendo que a língua francesa ainda não possuía nada de definido e não passava de uma mistura de termos bárbaros, de palavras novas, de expressões estrangeiras, Malherbe empreendeu o imenso e difícil trabalho de substituir essa língua vaga e destituída de caráter por uma outra plena de força e de energia, de harmonia e de doçura, de delicadeza e de pureza, de grandiosidade e nobreza; ele fixa então as regras primeiras dessa língua tão bela que todos nós, canadenses, falamos com o maior orgulho, herança preciosa que nossa mãe, a França, nos legou ao deixar nossas fronteiras. (BÉDARD, 1890b, p. 179, trad. nossa)

Conclusão ainda precária

Das consultas parciais feitas em apenas duas revistas ilustradas canadenses, é possível esboçar algumas conclusões que deverão ser revistas à medida que a pesquisa avance.

Interessado principalmente por literatura de língua inglesa, *The Dominion Illustrated* ocupou-se de autores franceses quando estes, como verdadeiras celebridades mundiais, se impunham à atenção da revista pelo noticiário, em virtude de algum episódio pitoresco, pelo lançamento de traduções ou pela adaptação para o teatro de obras francesas. Com o exotismo de suas narrativas, Pierre Loti era, em uma época de expansão do colonialismo europeu, um *best-seller* mundial. Apesar desse caso de sucesso clamoroso, outros autores franceses contemporâneos não tiveram o privilégio de atrair a atenção da revista, que, por sinal, se revelava dependente das traduções. Enquanto Zola, em França, chegava ao fim da ambiciosa e esteticamente irregular série dos Rougon-Macquart, *The Dominion Illustrated* fazia a crítica de *Germinie Lacerteux*, dos irmãos Goncourt, romance publicado em 1865.

Embora não acompanhasse muito de perto a literatura francesa contemporânea, *Le Monde Illustré* atribuiu grande importância à literatura da antiga pátria. A revista sentiu-se obrigada a homenagear com necrológios Banville, Chatrian e Alphonse Karr, noticiou fatos relativos às eleições da Academia Francesa de Letras, julgou informação relevante a reunião da poesia lírica de Victor Hugo e a publicação de uma peça de Coppée, além de ornamentar suas capas com retratos de franceses notáveis. Léon Ledieu, principal cronista do periódico, compôs implicitamente um cânone

de autores franceses, no qual alistou Xavier de Maistre, Rostand, Daudet e Coppée, entre outros. Sob a rubrica “Les écrivains de toutes les littératures”, *Le Monde Illustré* julgou por bem colocar, entre outros, Georges Pradel e Paul Bourget.

Todas essas publicações dão a medida da importância que diretores e colaboradores da revista atribuíam à literatura francesa. Porém, mais notável é o tratamento de “literatura nacional” que recebe a literatura francesa na mencionada série de artigos historiográficos. Em lugar de mergulhar no passado em busca de modestas ou ambíguas manifestações localistas autóctones, como fizeram os românticos brasileiros, esses literatos canadenses não tiveram pruridos, pouco tempo depois da independência política diante da Inglaterra (1867), em procurar nas tradições de França as grandes obras e autores com que se identificassem. Jean de Joinville, Jean Froissart, Christine de Pisan, Villon, Clément Marot, Ronsard e Malherbe, entre outros, eram admirados e sua memória foi cultivada pela revista por sua contribuição para o crescimento da língua francesa em perfeição, pureza, harmonia e graça. Foram, assim, tacitamente colocados em um panteão literário local. Não havia, para esses canadenses de Montreal, dúvida de que a francesa fosse a “mais bela língua do mundo” e representasse o principal legado da antiga pátria. Pode-se até mesmo dizer que, muito mais do que um tesouro a guardar-se a sete chaves, a língua de Villon seria o último baluarte da identidade regional do Quebec, concebido como *comunidade política imaginada* exposta ao poderoso assédio do mundo de língua inglesa. Caberia mencionar, nessa defesa do “subnacionalismo” *québécois*, o alinhamento com o catolicismo ortodoxo, que provavelmente motivou as críticas e reparos moralistas a Rabelais e Zola.

Referências

- ABREU, Márcia. A ficção como elemento de conexão cultural. In: _____ (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2016. p. 15-33.
- _____; MOLLIER, Jean-Yves. Circulação transatlântica dos impressos – a globalização da cultura no século XIX. In: ABREU, Márcia (Org.). *Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2016. p. 9-13.
- ALLAN, Gene. *Making national news: a history of Canadian Press*. Toronto: University of Toronto Press, 2013.
- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BÉDARD, Pierre. La littérature française au XVIe. siècle. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 323, p. 163, 1.-3. col., 12 juil 1890.
- _____. La littérature française au XVIe. siècle. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 324, p. 179, 1.-2. col., 19 juil 1890.
- CARVALHO, Xavier de. Carta parisiense. *O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 1.-2. col., 8 jul. 1891.
- CASANOVA, Pascale. *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- COOPER-RICHET, Diana. Introduction. In: _____; MOLLIER, J.-Y.; SILEM, A. *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIXe. et XXe. siècles)*. Paris: Presses de l'Ensib, 2005. p. 13-7.
- DAVIES, Gwendolyn. English-Canadian colonial literature. In: NISCHIK, Reingard (Ed.). *History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian*. Rochester (NY): Camden House, 2008. p. 72-87.
- DELPORTE, Christian Delporte. *Les journalistes en France (1880-1950): naissance et construction d'une profession*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.
- DESAULNIERS, G. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 5, n. 234, p. 302, 3. col., 27 oct. 1888.
- DESBIENS, Marie-Frédérique. Presse et romantisme au Canada: la création d'une identité et d'une littérature nationales. In: THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Org.). *Presse, nations et mondialisation au XIXe. siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010. p. 321-36.
- DURAND, Paul. Bibliographie. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 313, p. 3, 2. col., 3 mai 1890.
- _____. La littérature française au XIVe. siècle. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 6, n. 261, p. 5, 3. col., p. 6, 1. col., 4 mai 1889.

- _____. La littérature française au XIVe. siècle. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 6, n. 262, p. 11, 2.-3. col., 11 mai 1889.
- _____. La littérature française au XVe. siècle. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 6, n. 278, p. 142, 2.-3. col., 31 août 1889.
- _____. La littérature française au XVe. siècle. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 6, n. 280, p. 155, 2.-3. col., 14 sept. 1889.
- E., J. S. M. Alexandre Dumas dans son cabinet de travail. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 367, p. 35, 1.-2. col., 16 mai 1891.
- EGGLESTON, Wilfrid. Foreword. In: KESTERTON, W. H. *A history of journalism in Canada*. Ottawa: Carleton University Press, 1984.
- EGO, Alter. Crônica estrangeira (o jornal dos jornais). *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 2, 4.-6. col., 24 ago. 1893.
- _____. Crônica estrangeira (o jornal dos jornais). *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, p. 1, 8. col., 16 out. 1893.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999. (Perspectives Germaniques.)
- FETHERLING, Douglas. *The rise of the Canadian newspaper*. Toronto: Oxford University Press, 1990.
- FOUQUIER, Henry. Pierre Loti. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 373, p. 131, 2.-3. col., 27 juin 1891.
- FRÉCHETTE, Louis. Jules Claretie. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 4, n. 201, p. 355, 2.-3. col., 10 mars 1888.
- GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros). In: _____; LUCA, Tania Regina de (Org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2018. p. 55-79.
- _____; LUCA, Tania Regina de. Apresentação. In: _____; _____ (Org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2018. p. 15-32.
- GRUZINSKI, Serge. “Un honnête homme, c’est un homme mêlé”: mélanges et métissages. In: TACHOT, L. B.; GRUZINSKI, S. (Ed.). *Passeurs culturels: mécanismes de métissage*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme Paris; Presses Universitaires de Marne-la-Vallée, 2001. p. 1-19.
- KESTERTON, W. H. *A history of journalism in Canada*. Ottawa: Carleton University Press, 1984.
- KIRSCH, Fritz Peter. French-Canadian literature from National Solidarity to the École littéraire de Montréal. In: NISCHIK, Reingard (Ed.). *History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian*. Rochester (NY): Camden House, 2008. p. 127-46.
- L., E. Les écrivains de toutes les littératures. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 343, p. 482, 1.-3. col., 29 nov. 1890.
- LABAT, Gaston P. A M. Émile Zola. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 5, n. 258, p. 395, 2.-3. col., 13 avril 1889.
- _____. A M. Émile Zola. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 5, n. 259, p. 406, 3. col., 20 avril 1889.
- LEDIEU, Léon. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 4, n. 200, p. 347, 1. col., 3 mars 1888.
- _____. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 4, n. 201, p. 354, 1.-2. col., 10 mars 1888.
- _____. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 6, n. 270, p. 74, 2.-3. col., 6 juil 1889.
- _____. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 321, p. 131, 1. col., 28 juin 1890.
- _____. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 347, p. 543, 1. col., 27 dec. 1890.
- _____. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 359, p. 735, 1. col., 21 mars 1891.
- _____. Entre-nous. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 371, p. 98, 3. col., 13 juin 1891.
- LES ÉCRIVAINS de toutes les littératures. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 340, p. 438, 3. col., p. 439, 1. col., 8 nov. 1890.
- LES ÉCRIVAINS de toutes les littératures. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 348, p. 566, 1. col., 3 janv. 1891.
- LES POESIES posthumes de Victor Hugo. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 5, n. 217, p. 67, 3. col., 30 juin 1888.
- LORDE, J. de. Théodore de Banville. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 373, p. 134, 1.-3. col., 27 juin 1891.
- LORIMIER, Norma de. Pierre Loti’s newbook – *Rarahu*. *The Dominion Illustrated*, Montreal/Toronto, v. 5, n. 126, p. 357, 1.-3. col., 29 Nov. 1890.
- LOTI, Pierre. Le roman d’un enfant. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 325, p. 198, 3. col., p. 199, 1.-2. col., 26 juil 1890.
- M. ALEX. Dumas. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 367, p. 34, 16 mai 1891.

- M. JEAN Richepin. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 5, n. 219, p. 83, 2. col., 14 juil 1888.
- M. PIERRE Loti. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 373, p. 129, 27 juin 1891.
- MEYER, Henri. Alphonse Karr, décédé. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 340, p. 433, 8 nov. 1890.
- MOLLIER, Jean-Yves. Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de (Org.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2018. p. 33-53.
- PAUL Verlaine. *Correio da Manhã*, Lisboa, p. 1, 4. col., 8 jun. 1891.
- PAULO Verlaine. *Jornal de Notícias*, Porto, p. 1, 3.-4. col., 17 mar. 1893.
- PERSONAL and literary notes. *The Dominion Illustrated*, Montreal/Toronto, v. 7, n. 161, p. 104, 3. col., 1. Aug. 1891.
- PIMENTEL, Alberto. Revista da Semana. *O Economista*, Lisboa, p. 1, rodapé, 9 jun. 1891.
- PINSON, Guillaume. *La culture médiatique francophone en Europe et en Amérique du Nord: de 1760 à la veille de la Seconde Guerre Mondiale*. Laval: Presses de l'Université Laval, 2016.
- PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna. Pessoas em trânsito, imagens em construção. In: _____. (Org.). *Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2018. p. 15-29.
- RICHARDS, Grant. Our London Letter. *The Dominion Illustrated*, Montreal/Toronto, v. 6, n. 141, p. 255, 1. col., 14 Mar. 1891.
- SAMINADAYAR-PERRIN, Corinne. *Les discours du journal: rhétorique et médias au XIXe. siècle (1836-1885)*. Saint-Étienne: Université de Saint-Étienne, 2007.
- SCHOLL, Dorothee. French-Canadian colonial literatura under the Union Jack. In: NISCHIK, Reingard (ed.). *History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian*. Rochester (NY): Camden House, 2008. p. 87-109.
- SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Correspondentes estrangeiros e a repercussão do decadentismo-simbolismo na imprensa carioca (1890-1893). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 54, n. 1, p. 19-26, jan.-mar. 2019.
- _____. Pinheiro Chagas e os nefelibatas. *Revista USP*, São Paulo, v. 105, p. 113-22, 2015.
- _____. O jovem Paulo Barreto e os simbolistas. *Itinerários*, Araraquara, n. 31, p. 161-74, jul.-dez. 2010.
- SIMOND, Charles. Les écrivains de toutes les littératures. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 7, n. 335, p. 357, 1.-3. col., 4 oct. 1890.
- _____. Les écrivains de toutes les littératures. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 367, p. 38, 1.-2. col., p. 39, 1.-2. col., 16 mai 1891.
- _____. Les écrivains de toutes les littératures. *Le Monde Illustré*, Montréal, v. 8, n. 375, p. 165, 2.-3. col., p. 165, 2.-3. col., 11 juil 1891.
- SLADEN, Douglas. Literary and artistic news from New York. *The Dominion Illustrated*, Montreal/Toronto, v. 6, n. 142, p. 278, 2. col., 21 Mar. 1891.
- _____. Our New York letter. *The Dominion Illustrated*, Montreal/Toronto, v. 6, n. 135, p. 116, 2. col., 31 Jan. 1891.
- SOUSA, Cruz e. Emílio Zola. *O Tempo*, Rio de Janeiro, p. 1, 1.-2. col. 8 jul. 1891.
- THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: poétiques au XIXe. siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2007.
- _____; VAILLANT, Alain. Introduction. In: _____. (Org.). *Presse, nations et mondialisation au XIXe. siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010. p. 7-14.
- _____; _____. *1836 – l'an 1 de l'ère médiatique: étude littéraire et historique du journal La Presse, d'Émile de Girardin*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2001.
- VERLAINE, o excêntrico poeta... *O Repórter*, Lisboa, p. 2, 1. col., 15 mar. 1893.
- WAITE, Peter B. *Canada 1874-1896: arduous destiny*. Toronto: McClelland and Stewart, 1971.
- WARE, Tracy. English-Canadian literature, 1867-1918: the making of a Nation. In: NISCHIK, Reingard (Ed.). *History of literature in Canada: English-Canadian and French-Canadian*. Rochester (NY): Camden House, 2008. p. 113-26.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- ZOLA e os novos. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, p. 1, 4. col., 25 jun. 1891.
- ZOLA says... *The Dominion Illustrated*, Montreal/Toronto, v. 7, n. 161, p. 107, 3. col., 1 Aug. 1891.

Recebido em: 14 ago. 2020.

Aprovado em: 21 set. 20120.